



Jo 6,26-40: Do Maná ao Pão do céu, a Teologia Joanina e suas reminiscências do Antigo Testamento

Jo 6,26-40: From the Manna to the Bread from heaven, Johannine Theology and its reminiscences in the Old Testament

*Radamés Guarienti Sippert
Tiago Gonçalves Loch*

Resumo

Partindo dos princípios da Análise Retórica Semítica sobre a perícope de Jo 6,26-40 foi encontrado o eixo temático e teológico: Filho do Homem - Maná - Pão do céu/vida - Vontade do Pai - Ressurreição - último dia. A partir destes conceitos bíblicos, é realizada a investigação sobre as reminiscências veterotestamentárias da teologia joanina, especialmente, a teologia Profético-Apocalíptica e teologia da Aliança. Após situar o excerto escolhido no *Corpus Joanicum* e elencar as particularidades literárias deste, reflete-se sobre o sentido do *sinal* que prepara o discurso feito em Cafarnaum. Ele aprofunda o tema do maná no Pentateuco e o pensamento semita como expressão da lei que leva a alimentar-se da vontade do Pai, um sinal plenamente realizado em Cristo, o novo Moisés. Afinal, Nele a Lei se torna uma pessoa, na qual alimentamos do próprio Deus vivo como dom gratuito. Há na perícope uma dupla orientação, cristológica e eucarística, no qual o maná que a humanidade aguarda é dado no Pão do céu, no qual a teologia da encarnação e da cruz se sobrepõem. Por fim, o artigo recolhe a teleologia deste excerto do IV Evangelho, que compreende a vida eterna e a ressurreição no “último dia”, ações realizadas pelo Filho do Homem como vontade do Pai, concretamente no Pão do céu.

Palavras-chave: Maná. Pão do Céu. Eucaristia. Filho do Homem. Teologia Profética.

Abstract

This article begins with the principles of Semitic Rhetorical Analysis of the pericope of John 6:26-40, it finds the thematic and theological axis: Son of Man - Manna - Bread from Heaven/Life - Will of the Father - Resurrection - last day. Based on these biblical concepts, the research underlines the Old Testament reminiscences of Johannine theology, especially Prophetic-Apocalyptic theology and Covenant theology. After placing the chosen excerpt in the *Corpus Joanicum* and listing its literary particularities, we reflect on the meaning of the sign that

prepares the speech made in Capernaum. Delving deeper into Manna in the Pentateuch and Semitic thought as an expression of the law that leads to feeding on the will of the Father, a sign fully realized in Christ, the new Moses. After all, in him the Law becomes a person, in which we feed on the living God himself as a free gift. There is a double orientation in the pericope, Christological and Eucharistic, where the manna that humanity awaits is given in the Bread from heaven where the theology of the incarnation and the cross overlap. The teleology of the excerpt was collected, which includes eternal life and the resurrection on the “last day”, actions carried out by the Son of Man as the will of the Father realized concretely in the Bread of Heaven.

Keywords: Manna. Bread from Heaven. Eucharist. Son of Man. Prophetic Theology.

Introdução

Jo 6,26-40, a perícopa joanina escolhida, retirada do longo discurso sobre o Pão da Vida, permite a análise dos elementos do Antigo Testamento presentes em seu conteúdo. Nessa passagem, Jesus apresenta a novidade daquilo que ele é em relação ao Pentateuco e ao próprio Moisés, destacando a expressão “Filho do Homem”, presente em Daniel e no Apocalipse e concluindo com a menção à expressão “último dia” (Jo 6,39-40), também de Daniel, realizando uma releitura da teologia profética e apocalíptica.

A Análise Retórica Semítica, dentro de sua finalidade, permite identificar a funcionalidade e ligação entre os termos por sua repetição, oposição e destaque, distribuição na perícopa levando a melhor compreensão da riqueza do texto. Nesta análise se identifica o coração da perícopa com sua mensagem central: a Vida dada pelo Pai através do Filho – o Novo Moisés – que, ao realizar a vontade do Pai, desceu do céu - como o verdadeiro Pão do céu - superando o Maná do Pentateuco. Com a clara finalidade de sua missão: ressuscitar no “último dia” aqueles que forem ao Filho e nele crerem.

Portanto, este estudo representa uma oportunidade para aprofundar a noção semítica da teologia veterotestamentária superada e elevada por Jesus na perícopa. Além disso, busca elucidar a novidade do Pão do céu, dado pelo Pai no Filho. E a sua finalidade, evidenciada na conexão com a teologia profética por meio da expressão “último dia”, confirmada pelo uso do título “Filho do Homem”.

1. Texto grego, tradução e análise da perícopa de João 6,26-40

A perícopa escolhida situa-se logo após o sinal da multiplicação, em Jo 6. Diante da tentativa de proclamá-lo rei (Jo 6,15), Jesus retira-se sozinho para a montanha. Ao entardecer, os discípulos descem ao mar e seguem em direção a Cafarnaum (Jo 6,16-21). Durante a travessia, enfrentam uma forte ventania e ondas revoltas, quando Jesus vem ao encontro deles caminhando sobre o mar (Jo 6,22-25). No dia seguinte, a multidão impressionada pelo sinal, o procura em Cafarnaum sem compreender como ele chegara ali, já que não fora visto partindo de Tiberíades. Então, nesse contexto Jesus inicia seu famoso discurso na Sinagoga de Cafarnaum, direcionando-se àqueles que o buscavam apenas porque haviam se saciado de pão. Convidando-os a avançar para o nível espiritual de compreensão de sua missão.

Segue-se a perícopa escolhida que inicia neste exato momento com a resposta de Jesus a seus interlocutores.

Jo 6,26-40 (NA ²⁸)	Tradução da Bíblia de Jerusalém
<p>²⁶ Απεκρίθη αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς καὶ εἶπεν· ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ζητεῖτέ με οὐχ ὅτι εἶδετε σημεῖα, ἀλλ' ὅτι ἐφάγετε ἐκ τῶν ἄρτων καὶ ἐχορτάσθητε.</p>	<p>²⁶ Respondeu-lhes Jesus: “Em <i>verdade</i>, em <i>verdade</i>, vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos <i>pães</i> e vos saciastes.</p>
<p>²⁷ ἐργάζεσθε μὴ τὴν βρῶσιν τὴν ἀπολλυμένην ἀλλὰ τὴν βρῶσιν τὴν μένουσαν εἰς ζωὴν αἰώνιον, ἣν ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ὑμῖν δώσει· τοῦτον γὰρ ὁ πατήρ ἐσφράγισεν ὁ θεός.</p>	<p>²⁷ Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna, alimento que o <u>Filho do Homem</u> vos dará, pois <u>Deus</u>, o <u>Pai</u>, o marcou com seu selo.”</p>
<p>²⁸ εἶπον οὖν πρὸς αὐτόν· τί ποιῶμεν ἵνα ἐργαζώμεθα τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ;</p>	<p>²⁸ Disseram-lhe, então: “Que faremos para trabalhar nas obras de <u>Deus</u>”.</p>
<p>²⁹ ἀπεκρίθη [ὁ] Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτοῖς· τοῦτό ἐστιν τὸ ἔργον τοῦ θεοῦ, ἵνα πιστεύητε εἰς ὃν ἀπέστειλεν ἐκεῖνος.</p>	<p>²⁹ Respondeu-lhes Jesus: “A obra de <u>Deus</u> é que creiais naquele que ele enviou”.</p>
<p>³⁰ εἶπον οὖν αὐτῷ· τί οὖν ποιεῖς σὺ σημεῖον, ἵνα ἴδωμεν καὶ πιστεῦσωμέν σοι; τί ἐργάζῃ;</p>	<p>³⁰ Então lhe perguntaram: “Que sinal realizas, para que vejamos e creiamos em ti? Que obra fazes?”</p>
<p>³¹ οἱ πατέρες ἡμῶν τὸ μάννα ἔφαγον ἐν τῇ ἐρήμῳ, καθὼς ἐστιν γεγραμμένον· ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἔδωκεν αὐτοῖς φαγεῖν.</p>	<p>³¹ Nossos pais comeram o <i>maná</i> no deserto, como está escrito; “Deu-lhes <i>pão do céu</i> a comer”.</p>
<p>³² εἶπεν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, οὐ Μωϋσῆς δέδωκεν ὑμῖν τὸν ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, ἀλλ' ὁ πατήρ μου δίδωσιν ὑμῖν τὸν ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ τὸν ἀληθινόν·</p>	<p>³² respondeu-lhes Jesus: “Em <i>verdade</i>, em <i>verdade</i>, vos digo: não foi Moisés quem vos deu o <i>pão do céu</i>, mas é meu <u>Pai</u> que vos dá o verdadeiro <i>pão do céu</i>;</p>
<p>³³ ὁ γὰρ ἄρτος τοῦ θεοῦ ἐστιν ὁ καταβαίνων ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καὶ ζωὴν διδούς τῷ κόσμῳ.</p>	<p>³³ porque o <i>pão de Deus</i> é aquele que desce do céu e dá a vida ao mundo”</p>
<p>³⁴ εἶπον οὖν πρὸς αὐτόν· κύριε, πάντοτε δὸς ἡμῖν τὸν ἄρτον τοῦτον.</p>	<p>³⁴ Disseram-lhe: “Senhor, dá-nos sempre deste <i>pão</i>!”</p>

<p>35 εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἐγὼ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς· ὁ ἐρχόμενος πρὸς ἐμὲ οὐ μὴ πεινάσῃ, καὶ ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ οὐ μὴ διψήσῃ πώποτε.</p>	<p>35. Jesus lhes disse: “Eu sou o <i>pão da vida</i>. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede.</p>
<p>36 Ἀλλ’ εἶπον ὑμῖν ὅτι καὶ ἐωράκατέ [με] καὶ οὐ πιστεύετε.</p>	<p>36. Eu, porém, vos disse: vós me vedes, mas não_credes.</p>
<p>37 πᾶν ὃ δίδωσίν μοι ὁ πατήρ πρὸς ἐμὲ ἤξει, καὶ τὸν ἐρχόμενον πρὸς ἐμὲ οὐ μὴ ἐκβάλω ἔξω,</p>	<p>37. Todo aquele que o <u>Pai</u> me der virá a mim, e quem vem a mim eu não o rejeitarei,</p>
<p>38 ὅτι καταβέβηκα ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ οὐχ ἵνα ποιῶ τὸ θέλημα τὸ ἐμὸν ἀλλὰ τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με.</p>	<p>38. pois desci do céu não para fazer minha vontade, mas a vontade <u>daquele</u> que me enviou.</p>
<p>39 τοῦτο δέ ἐστιν τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με, ἵνα πᾶς ὃ δέδωκέν μοι μὴ ἀπολέσω ἐξ αὐτοῦ, ἀλλ’ ἀναστήσω αὐτὸ [ἐν] τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ.</p>	<p>39. E a vontade <u>daquele</u> que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu, mas o ressuscite no último dia.</p>
<p>40 τοῦτο γάρ ἐστιν τὸ θέλημα τοῦ πατρός μου, ἵνα πᾶς ὃ θεωρῶν τὸν υἱὸν καὶ πιστεύων εἰς αὐτὸν ἔχη ζωὴν αἰώνιον, καὶ ἀναστήσω αὐτὸν ἐγὼ [ἐν] τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ.</p>	<p>40. Sim, esta é a vontade de meu <u>Pai</u>: quem vê o <u>Filho</u> e nele crê tem vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.”</p>

Fonte: Texto grego na NA²⁸, tabela e grifos dos autores, tradução da Bíblia de Jerusalém.

1.1 *Corpus Joanicum*

Antes de analisar a perícopre, é necessário fazer uma observação geral sobre o lugar do *corpus* Joânico no Novo Testamento (NT), para que uma análise pormenorizada seja realizada dentro do conjunto maior, sem descaracterizar suas particularidades literárias. Partindo do fato que o *corpus biblicum* não é composto por textos de um único gênero literário, o mesmo se dá no NT e no *corpus* joânico, o qual compreende: o IV Evangelho, as Cartas (1º, 2º e 3º) e o Apocalipse, sendo o único autor do neotestamentário com essa categoria tão diversa, operando com três gêneros do corpo canônico do NT. Enquanto os demais se servem de apenas um gênero literário dos apresentados e João ainda tem a particularidade de ser o único autor a trazer um Apocalipse.¹

Tal diversidade própria do *corpus* joânico deve-se à convivência mista entre judeus e gentios no cristianismo joânico, o que levou à assimilação e articulação dos diferentes gêneros literários presentes no NT. De modo que a Comunidade Joânica – o mais antigo grupo de igrejas – expressou sua fé por meio do gênero epistolar, do gênero evangelho e ainda do gênero apocalíptico. Este último, marcado por visões e audições extraordinárias constitui uma novidade no NT, embora não o seja no Antigo Testamento (AT)².

¹ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joânico no Cânon do Novo Testamento, p. 682.

² GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joânico no Cânon do Novo Testamento, p. 682-683.

Ainda assim, esses gêneros não se integram de maneira fácil, pois representam formas distintas de conceituar o evento Cristo. Os cinco escritos joaninos são atribuídos a João, filho de Zebedeu – o Discípulo Amado – embora nenhum deles afirme explicitamente essa autoria. No entanto, a tradição e a *opinio communis* o reconhecem autor. Ainda assim, não é possível sondar o grau da real participação do evangelista na redação dos textos, nem a influência de outros autores, da Escola ou da própria Comunidade Joanina³.

Porém, é salutar admitir a existência de uma Escola Joanina, pois se identificam diferentes etapas no processo de redação dos escritos, bem como uma comunidade que conservou esses textos em sua tradição dentro das correntes cristãs primitivas. E seus textos são frutos de uma meditação luminosa e confiante no amor infinito de Deus que rege e governa o mundo: seu autor parece estar presente numa radiante liturgia diante de Seu Mestre e Senhor⁴.

Dada a pluralidade de gêneros, surgem dificuldades para estabelecer um parentesco entre o Evangelho e as Cartas com o Apocalipse. Pois o Evangelho e as Cartas foram limitados no uso da linguagem ou simbologia apocalíptica, como as figuras “o último dia” e o “Filho do Homem”, ambas presentes na perícope escolhida para análise neste estudo. Enquanto os escritos epistolares e apocalípticos apontam para a autoridade do ensino apostólico, o Evangelho tem sua autoridade no ensino do próprio Cristo.⁵ Assim, neste estudo é possível articular ambas as formas de autoridade, ao investigar a reminiscência desses dois termos apocalípticos do AT e sua função na perícope.

1.2. Particularidades do Evangelho de João

Ao tratar das particularidades do IV Evangelho, Tuní observa que este apresenta um vocabulário bastante limitado e, ao mesmo tempo, unitário, sem uma distinção clara entre a linguagem do narrador e a linguagem de Jesus. Em alguns trechos inclusive torna-se difícil saber se as palavras pertencem a Jesus, ao evangelista ou mesmo a outros personagens⁶. Trata-se, portanto, de um mundo conceitual muito distinto dos Evangelhos Sinóticos, no qual há um esquema comum na pregação central de Jesus:

Jesus proclama que o reino está próximo, e convida (*kalein*) todos a se converterem (*metanoiēn*) para fazer parte dele. [...] mediante parábolas (*parabolai*), e suas ações extraordinárias (*dynameis*) em favor dos oprimidos pelas forças [...] do demônio são sinais da presença do reino [...]. Por isso o reino é objeto de boa notícia (*euangelion*).⁷

Mas, o que surpreende é que João parece desconhecer tal estrutura, pois em seu Evangelho Jesus não anuncia o reino (exceto Jo 3,35), não o proclama como presente e nem o ilustra mediante parábolas. Seus gestos extraordinários não são atos de grande poder, mas *sinais*, de modo que os homens não são chamados à conversão, mas a fazer parte do reino, simplesmente exortados a acreditarem em Jesus. Ainda assim, há muitos paralelismos com os relatos sinóticos

³ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 682-683.

⁴ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 683-684.

⁵ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 685-686.

⁶ TUÑI, J. O.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 19.

⁷ TUÑI, J. O.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 20.

nas curas e fatos extraordinários como a multiplicação dos pães, no caminhar sobre as águas, a expulsão dos vendilhões do templo, entrada em Jerusalém, unção de Jesus e por fim o relato da Paixão. No entanto, no IV Evangelho esses episódios são menos numerosos, visto que João conservou apenas sete fatos prodigiosos, tornando sua narrativa menos taumatúrgica e evidenciando uma redução consciente com uma finalidade teológica bem definida⁸.

Assim, o IV Evangelho não se limita somente a reunir um conjunto de dados e tradições sobre Jesus, mas os aprofunda, enriquecendo o sentido original da tradição em função das preocupações da comunidade à qual se dirige. Os sinais começam com breves narrações de atos extraordinários de Jesus com um princípio cristológico: “Quem é esse?” (Jo 8,25), mas vão além disso. O sinal (*semeion*) para João tem diversos sentidos, primeiro de prova apologética que legitima as pretensões de Jesus, como se observa na pergunta: “Que sinal realizas, para que vejamos e creiamos em ti?” (Jo 6,30). Além disso, o sinal também tem por propósito a condução à fé, embora, para João, os sinais não sejam imprescindíveis: “Bem-aventurados os que não viram e acreditaram” (Jo 20,29). Porém, ao acreditar se é conduzido a uma visão mais profunda: “Não te disse que se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11,40). Assim, os sinais são uma manifestação da glória aos que estão dispostos a penetrar no mistério de Jesus: “Jesus deu início aos seus sinais. E manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11).⁹

Ora, o conceito de glória no Evangelho de João tem sua raiz no AT (cf. Ex 10,1; Nm 14,11; Dt 29,1-3) onde a revelação do Deus invisível se manifestava em atos extraordinários. Dessa forma, os sinais joaninos têm aí o antecedente definitivo nos sinais realizados por Deus em favor do seu povo durante o êxodo, rumo à liberdade. Portanto, os sinais no IV Evangelho manifestam a glória com duplo movimento: convida o homem a penetrar no mistério de Jesus que se aproxima dos homens. Tais sinais demonstram a “mão poderosa” de Deus à humanidade, tal como na saída do Egito. Contudo, João dá um passo além e apresenta um aspecto específico em seu evangelho: a plenitude da revelação salvadora de Deus se realiza em Jesus. Seus sinais não são uma aproximação provisória do Deus invisível e distante, mas irradiam sua glória por meio da *sarx* (carne). Ou seja, trata-se de uma presença total e definitiva, na qual, em Jesus se contempla plenamente a glória do Deus misterioso.¹⁰

1.3. O sentido do “sinal” na perícopre

A partir do “sinal” é possível entender a motivação teológica da perícopre desta análise, a qual se situa logo após o sinal da multiplicação e introduz o extenso “Discurso Eucarístico”. Esse discurso se inicia em Jo 6,26 com uma admoestação de Jesus: “vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes”. E verifica-se que o “sinal” (*semeion*), que deveria operar em função da abertura para uma compreensão mais profunda e acesso a uma ordem de realidades do Espírito (Jo 3,6), não foi visto em sua amplitude. O “alimento perecível”, que era um sinal, acabou reduzido ao estado de milagre material e não levou para além dele próprio.¹¹

Por isso, João se direciona à origem e fundamento dos sinais, pois estes revelam a fonte

⁸ TUÑI, J. O.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 20-28.

⁹ TUÑI, J. O.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 34-36.

¹⁰ TUÑI, J. O.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 36-37.

¹¹ JAUBERT, A., Leitura do Evangelho segundo João, p. 64.

e a origem da atividade de Jesus, valorizando o seu agir, como razão mais profunda de sua presença no mundo, como o enviado do Pai. Logo, os diálogos que seguem os sinais têm a função de averiguar esta sua visão estritamente teológica.¹² De fato, no IV Evangelho, toda a atividade de Jesus no mundo é considerada sinal da presença e revelação de Deus, por este motivo o evangelista emprega o termo *semeion*. E ao narrá-los, ele transforma gestos aparentemente singelos em portadores de realidades essenciais e do destino definitivo, pois considera o valor simbólico e didático dos fatos que narra.¹³

Na sequência, desponta a mentalidade engajada dos judeus, expressa na pergunta: “Que devemos fazer para trabalhar nas obras de Deus?” (Jo 6,28). Afinal, havia muitos mandamentos a serem cumpridos escrupulosamente, por isso colocam-se dispostos ao esforço do trabalho pelo reino messiânico. Contudo, logo se decepcionam: “A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6,29). E a pergunta feita na sequência pelos interlocutores de Jesus: “que sinal realizas, para que vejamos e creiamos em ti? Que obra fazes?” (v.30), estabelece um paralelo com a interrogação dos hebreus diante do maná “Que é isso?” (Ex. 16,15). O questionamento comum a ambas, traduz-se: em que consiste “crer”? Que “obra” é esta para a qual o esforço humano é impotente?¹⁴ E o que se segue, adentra no sentido do verdadeiro Pão do céu que é o próprio Jesus.

Entretanto, antes de passar à análise do maná no Pentateuco aqui evocado, vale ainda analisar retoricamente o trecho, para encontrar as ressonâncias e ligações mais relevantes no corpo do texto.

1.4. Análise Retórica Semítica

Um método é sempre uma ferramenta para se ler, entender e compreender um texto e, esse fator ganha ainda mais relevância no caso das Escrituras Sagradas, por conterem o mistério de Deus em cada linha e palavra. Os vários corpos das Escrituras Sagradas não foram formatados de maneira aleatória, e sim, a partir de critérios, como o gênero literário e o escopo do tipo de literatura. Assim, a Análise Retórica Bíblica Semítica pede igualmente os olhos atentos ao uso linguístico-literário, como auxílio no trabalho interpretativo, que permanecerá sendo uma tarefa desafiadora. Esse método, tem em vista individualizar a estrutura de cada um dos textos bíblicos, sem querer dogmatizá-la como única possibilidade correta.¹⁵

Para o pensamento ocidental, a repetição de um determinado termo é sinal de pobreza linguística, contudo, não é assim para o autor bíblico. A repetição no pensamento semítico tem o intuito de reforçar aquela dimensão, auxiliando na assimilação do que está sendo tratado, inibindo o desvio de foco e atenção. A mensagem de um texto bíblico nem sempre se encontra no fim, pois muitas vezes, reside no meio da perícopé. Para identificá-la, é necessário destrinchar e averiguar o texto, visto que esse método não segue a lógica linear, argumentativa e conclusiva. E de modo concreto, tem seus “pés” na realidade e contexto daquele texto. Visto que usa mais a parataxe do que a sintaxe, sendo mais involutivo e concêntrico. Desta forma, oferece alimento e

¹² TUÑI, J. O.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 37.

¹³ MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 211-212.

¹⁴ JAUBERT, A., Leitura do Evangelho segundo João, p. 64-65.

¹⁵ GONZAGA W. et al., Palavra de Deus na perspectiva da análise retórica bíblica semítica, p. 8-10.

ferramentas ao leitor, convidando-o a uma reflexão, sem oferecer uma estrutura prévia.¹⁶

Logo, a Análise Retórica permite observar que em Jo 6, os vv.26-31 têm como tema o ato de crer na obra de Deus. Nos vv.32-35, o termo “pão” aparece cinco vezes, fazendo uma transição nos vv.36-37 para abordar a eleição. Por fim, nos vv.38-40 o termo “vontade” é repetido quatro vezes. Dessa maneira, o Pão do céu, que será dado por Jesus, é colocado em oposição ao Maná. Esse Pão de Deus “desce” e “dá” vida ao mundo, formando um duplo movimento que enfatiza a ação do Pai, pois é ele quem “dá” o “Pão do céu” e “dá” ao Filho àqueles que escolhe.

A primeira parte da perícopes se inicia com a declaração solene “em verdade, em verdade”, um hebraísmo transliterado para o grego como “*amén, amén*”, sinalizando a importância do que virá a seguir. Nessa passagem, há uma ordem para trabalhar pelo alimento que permanece para a vida eterna, que dialoga com Jo 6,32 ao mencionar a “vida do mundo” dada pelo Pão de Deus. Esse tema se conclui em Jo 6,40 formando uma moldura com a “vida eterna” como a vontade do Pai: crer no Filho para ser ressuscitado por ele no último dia.

A segunda parte, traz mais uma dupla declaração solene “*amén, amén*”, indicando o pão dado a Moisés no deserto, contrastando-o com o verdadeiro Pão do céu, dado pelo Pai. O maná, portanto, é apresentado como uma prefiguração, enquanto Jesus se revela como o verdadeiro Pão da vida ao proclamar uma das suas sete sentenças presentes no IV Evangelho:¹⁷ “Eu sou o Pão da vida”, capaz de saciar a fome e a sede aos que vão a Ele e nele creem. Em Jo 6,36-37, há uma transição para a conclusão, marcada por um movimento de oposição a “crer”. Aqui, Jesus se dirige aos que o ouvem e veem, mas não creem, enfatizando que é o Pai quem entrega ao Filho os que a ele vão e não são rejeitados pelo Filho.

A conclusão da perícopes, em Jo 6,38-40, apresenta a justificação de todo o trecho, com a causa final de toda a obra anunciada pelo Pão da vida, Assim como o primeiro pão do céu desceu ao mundo, Jesus veio cumprir a vontade do Pai: não perder nenhum dos que foram confiados por ele, mas o ressuscitá-los no “último dia”. E dentro do pensamento binário semita, essa ideia é repetida no v.40 “quem vê o Filho e nele crê tem a vida eterna, eu o ressuscitarei no último dia”. Esse movimento ecoa o que foi apresentado no v.30 “vejamos e creiamos” e no v.36 “me vedes, mas não credes”, formando outra moldura.

Dessa forma, entrelaçam-se as expressões “verdadeiro Pão do céu”, “Pão de Deus” e “Pão da vida” com a “Vontade do Pai” que o concede para a “vida eterna”/“vida do mundo” por meio do “Filho do Homem”. O que se realiza “indo” a ele, “vendo-o” e “crendo nele”, para pôr fim ser ressuscitado no “último dia”. Ora, se Jesus fala como judeu, com língua, cultura, religião e tradição próprias, torna-se essencial perscrutar no AT o significado do “Pão do céu” no Pentateuco e no pensamento semita, para compreender como o Pai dá através dele o “verdadeiro Pão do céu” e o que isso significa. E essa análise se justifica também, conforme aponta Gonzaga, pois ao proclamar “eu sou o pão da vida” (Jo 6,35.48.51): “João faz essa descrição pensando na teologia veterotestamentária para mostrar a superioridade de Jesus, o Filho de Deus”.¹⁸

¹⁶ GONZAGA W. et al., Palavra de Deus na perspectiva da análise retórica bíblica semítica, p. 11-12.

¹⁷ “Eu sou o Pão da Vida” (Jo 6,35.48.51); “Eu sou a Luz do mundo” (Jo 8,32); “Eu sou a Porta das ovelhas” (Jo 10,7-9); “Eu sou o Bom Pastor” (Jo 10,14); “Eu sou a Ressurreição e a Vida” (Jo 11,25); “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6) e “Eu sou a Videira verdadeira” (Jo 15,1-5).

¹⁸ GONZAGA, W.; SILVA FILHO, J. R., Jesus, o Bom Pastor, aquele que dá a vida, p. 516.

2. O Maná para o povo de Israel

Jesus se apresenta como o novo Moisés e novo maná, distinto e “verdadeiro”, de modo que o primeiro é apenas um símbolo que aponta para ele mesmo. Assim é necessário voltar ao Pentateuco para sondar essa experiência viva aos israelitas. O maná, o nome do pão vindo do céu, conforme a etimologia popular vem de *man hû* “que é isto?”.¹⁹ Essa peculiar substância provida por Deus, foi o alimento a Israel durante a sua peregrinação no deserto, após a saída da escravidão do Egito (Ex 16,2-5), como alimento que nutre e dá força ao povo messiânico. É dado após a murmuração do povo de Israel, o qual se queixa, recordando a fartura de pão e carne do Egito, onde prefeririam ter ficado (Ex 16,3).

Diante disso, Deus diz a Moisés: “Eis que vos farei chover pão do céu” (Ex 16,4) e o milagre ocorreria a cada manhã, com o dever de pegar a quantia para aquele dia, exceto no sexto dia, onde são duas medidas, incluindo o sábado. Ao contemplar esse milagre, se impressionam e Moisés afirma: “Isto é o pão que Iahweh vos deu para vosso alimento” (Ex 16,15). Assim, Deus que se revela como aquele que viu e ouviu o clamor do seu povo, descendo para libertá-los (Ex 3,7-8). E agora Ele é quem dá o alimento para o povo da Antiga Aliança, saciando qualquer tipo de fome pelo pão que dá vigor à travessia rumo à terra prometida.²⁰

2.1. O sinal do Maná no Antigo Testamento

O maná é objeto de meditação no Livro da Sabedoria (16,16-29), como benção enviada por Deus, que assumia todos os sabores imagináveis. Embora semelhante à geada e ao gelo, o fogo não o derretia quando cozido (Ex 16,23; Nm 11,8). Tal alteração da natureza, evidenciou um contraste significativo a Israel: enquanto o fogo insaciável do céu destruía as colheitas do Egito, mesmo durante a chuva, o alimento do céu permanece intacto e imune à destruição do fogo. Além do mais, ao meditar sobre a criação (Sb 16,23-29), se constata que Deus nela trabalha tanto ao punir quanto ao abençoar, transmitindo lições morais ao seu povo. No caso do maná, a criação foi para ensinar a Israel que não é apenas o alimento a verdadeira nutrição, mas a palavra de Deus que salva.²¹

Ratzinger desenvolve o significado do maná no pensamento interno judaico, onde tornara-se sempre mais claro que o autêntico pão do céu que alimentou e que alimenta Israel é a Torá. Pois se o maná for visto somente no aspecto da saciedade da fome, o mesmo não era pão do céu, mas apenas pão da terra, ainda que vindo do céu seria alimento terreno. Era um alimento de substituição, que deveria cessar quando o povo abandonasse o deserto e chegasse à terra dada por herança. Porém, o homem tem fome de algo maior, um alimento, situado num plano superior. A Torá, de algum modo, é esse alimento, pois por meio dela, o homem já pode nutrir-se da vontade de Deus como seu verdadeiro sustento. Ainda que esse alimento revele somente as “costas” de Deus: manifestação parcial da plenitude divina.²²

Por conseguinte, a perícopes permite contemplar Jesus como o grande profeta que Moisés havia anunciado na fronteira com a terra prometida. Porém, enquanto Moisés fez brotar água do

¹⁹ CLIFFORD, R. J., Êxodo, p. 141.

²⁰ SANTOS, J. A., O Pão na Bíblia, p. 24-25.

²¹ WRIGHT, A. G., Sabedoria, p. 1025.

²² RATZINGER, J., Jesus de Nazareth, p. 293.

rochedo no deserto, Jesus promete água que dá a vida. Compreende-se então, que o grande dom presente na memória do povo de Israel era o maná: imagem com a qual Jesus faz a promessa das promessas. Visto haver diante dele um povo que sofre com a fome e com a busca do pão para cada dia. Logo, esse novo pão seria a eliminação de todas as necessidades, um dom que para sempre satisfaria a fome de todos.²³

A partir da noção do maná no AT, pode-se seguir à estrutura do pensamento semita que se mantém, ainda que escrita em grego, permitindo analisar a riqueza contida na estrutura do capítulo 6 do IV Evangelho e sondar o desenvolvimento da ideia do Pão do céu, aí contida.

2.2. A linguagem semítica concêntrica a serviço do Pão do céu

Uma particularidade da linguagem semita é a exposição das ideias em frases paralelas coordenadas. O pensamento de Israel se desenvolve esquematicamente a partir duma proposição inicial que afirmava o essencial. Em seguida, essa ideia era repetida em frases simultâneas e coordenadas, acrescentando, a cada nova formulação, uma circunstância que a ampliava e aprofundava, até que o pensamento fosse plenamente expresso. Desse modo, não compunham suas frases como os arquitetos – construindo de baixo para cima – mas como músicos, que propõem o tema e no decorrer da música vão propondo novas variações. O resultado é um estilo em forma de espiral, que, ao descer, de cima para baixo vai se estreitando, não repetindo o pensamento anterior, mas conferindo-lhe cada vez mais clareza.²⁴

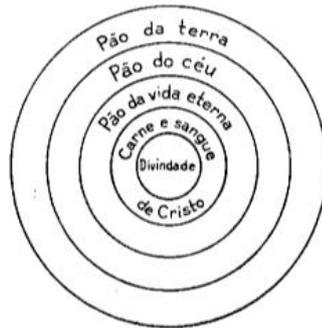
O discurso do Pão da vida se dispõe em círculos concêntricos. Após narrar o milagre da multiplicação dos pães (Jo 6,1-15), Jesus inicia seu discurso observando que a multidão se aglomerava ao seu redor por terem comido e se saciado (Jo 6,26). Primeiro, em oposição ao pão terreno, Jesus anuncia um Pão do céu, realidade transcendente mais digna das aspirações humanas. Todavia, um pão superior ao da terra já era conhecido: o maná, dado por Moisés. E então, repetindo e desenvolvendo a ideia, acrescenta que esse novo Pão do céu é diferente do primeiro, pois enquanto o maná não impede a morte no deserto, o novo Pão garante a vida (eterna) (Jo 6,32).²⁵

Há um novo aprofundamento no movimento concêntrico, no qual o Pão da vida é identificado com a carne e o sangue do Cristo: “O pão que hei de dar, é a minha carne, para a vida do mundo [...]. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna [...]” (Jo 6,51.54). Ambos elementos, não se referem apenas à sua realidade material, mas são vivificados pela Divindade, que a eles estaria unida: “É o Espírito que vivifica; a carne para nada serve” (Jo 6,63). Assim, a exemplo da água, que fita a presa e aproxima-se voando em círculos concêntricos para dar o bote preciso, Jesus passou dos conceitos mais vastos e de elementos visíveis a conceitos mais precisos, para atingir o objeto e verdade final: a Divindade comunicada no Pão da vida, como mostra a figura abaixo.

²³ RATZINGER, J., Jesus de Nazareth, p. 293.

²⁴ BETTENCOURT, E., Descobrindo o Antigo Testamento, p. 18.

²⁵ BETTENCOURT, E., Descobrindo o Antigo Testamento, p. 18.



Fonte: Adaptado de BETTENCOURT, E., *Descobrimdo o Antigo Testamento*, p. 19.

3. A novidade do Pão do céu dado pelo Pai

A partir desta estrutura de pensamento, convém investigar a novidade desse novo Pão diante do maná do povo messiânico. Para isso, não basta analisar apenas a perícopes analisada (Jo 6,26-40), mas é preciso percorrer todo o capítulo para entender com quais aspectos teológicos, narrativos e geográficos a perícopes dialoga, a fim de melhor recolher sua mensagem. Pois, nota-se um fio condutor e unificador: o tema do Pão da vida, o qual estrutura unidades literárias, desde os acontecimentos que precedem a Cafarnaum até os que se sucedem nela. De modo que, a teologia da Aliança dada por Moisés, é a base para a realização da Nova Aliança em Jesus, Pão vivo descido do céu, no novo Êxodo, já sinalizado em Jo 6, mas concretizado em sua Paixão, Ressurreição e Ascensão.

3.1. Análise das unidades literárias

Destarte, a primeira unidade trata do sinal da multiplicação dos pães (Jo 6,1-15), onde Jesus retira-se a um monte, cercado por seus discípulos, com a intenção de ministrar-lhes um ensinamento, à semelhança de um novo Moisés. Ali, pergunta-lhes como alimentar a multidão desprovida, evocando uma origem misteriosa, do alto. E após a benção e saciedade da multidão, resplandece a superabundância dos dons, diante da insignificância dos meios, fazendo o povo reconhecer o profeta que devia vir ao mundo (Dt 18,18) e entusiasmados querem fazê-lo rei. A segunda unidade narrativa, trata do sinal da caminhada sobre as águas (Jo 6,16-21), inserida em uma atmosfera teofânica, onde ressoa a revelação: “Não tenham medo, Eu sou” (Jo 6,20). Trata-se de uma epifania do poder de Deus, que age pela Palavra e domina as forças malignas do mar. Sinal que prepara os discípulos para aceitar, pela fé, a mensagem pronunciada na sinagoga de Cafarnaum: o “Eu sou” se revelará como “Eu sou o pão da vida” (Jo 6,35). Assim como o maná no deserto está intrinsecamente ligado à passagem pelo mar na primeira páscoa.²⁶

E a terceira unidade literária se desenrola no discurso em Cafarnaum (Jo 6,22-71),

²⁶ MAIA, T. M. C., *Cristo, Pão da Vida*, p. 212-216.

iniciando com a nota temporal “no dia seguinte”, que conecta os acontecimentos ao dia anterior, resumindo a multiplicação e a caminhada sobre as águas “perto do lugar onde o Senhor dera graças, e eles tinham comido o pão” (Jo 6,23). Esta síntese evidencia a visão do evangelista, de orientação eucarística, preparando o ensino que virá: o uso do verbo comer, a menção ao pão no singular, Jesus como “Senhor” e a ação de graças. No ensinamento, o “Rabi” aprofunda o sinal do pão, revelando-se solenemente como o Pão vivo, com a denúncia do motivo materialista da procura: não perceberam o Verbo Encarnado como a presença de Deus.²⁷

O ensino de Jesus, portanto, direciona-se ao esforço por um alimento que não perece, mas que dura para a vida eterna e que somente o Filho do Homem dará. Afinal, o sinal do pão é a garantia recebida pelo Pai de sua autoridade, visto que *desceu* para saciar toda forma de fome e sede espiritual. No entanto, o acesso ao verdadeiro Pão do céu se dá exclusivamente pela fé: “vir a Jesus equivale a crer”.²⁸ Alimentar-se de Cristo inclui comer e crer nas suas palavras, como o povo de Israel que se alimentou do maná e aprendeu a viver de cada palavra que sai da boca de Deus (Dt 8,3). Jesus coloca-se na mesma esteira do tema da Palavra de Deus assimilada como alimento (Jr 15,16; Ez 3,1; Sb 16,26; Ex 2,8-3; Ap 10,9-10). Mas como a Palavra encarnada é a autocomunicação de Deus que gera vida eterna desde esse mundo e depois da morte, integrando o fiel na mesma relação do Pai e do Filho.²⁹

Desponta então, o sentido Eucarístico do Pão da vida (Jo 6,49-59), reafirmando a diferença deste novo pão que desce do céu - doado pelo Pai, e não por Moisés - com o efeito de imortalidade universal que produz (v.50). Em seguida, chega a chocante conclusão: “o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo” (v.51), deixando claro o caráter material e histórico dessa vida-dom para o mundo, transcendendo o povo eleito. Está em jogo o seu existir carnal, pois não só ensina a verdadeira vida, mas a dá realmente, clara alusão à Eucaristia (Lc 22,19; Mc 14,22). O verbo *mastigar* (τρώγων, v.54), no lugar de “comer” é concreto ao extremo: “Quem *mastiga* minha carne [...] tem vida eterna”. Dessa forma, é a práxis humana de Jesus, que doa sua carne e derrama sua força vital em seu sangue na cruz, como alimento e bebida verdadeiros, portadores da “graça e da verdade” do amor fiel de Deus.³⁰

3.2. O sentido Cristológico e o Eucarístico

Casalegno afirma que a temática do capítulo é, em primeiro lugar cristológica e, depois eucarística, pois os sinais revelam a identidade de Jesus como o enviado do Pai, que desce do céu com a função de dar a vida ao mundo na Eucaristia, entendida na força da fé (Jo 6,36.40.47). Em seguida (Jo 6,48-59), Jesus se apresenta como aquele que se oferece para a vida do mundo, destacando-se o verbo “dar”, que acena para o evento pascal (Jo 13,16 e 18,11). A preposição *para* (ὑπέρ), no sentido “a favor de” designa a finalidade salvífica e universal de Cristo, um indicativo de que o evangelista, refere-se à oblação de Cristo na cruz, como entrega voluntária e sacrificial, em paralelo à figura do Servo Sofredor (Is 53,5.11-12).³¹

Essa dupla orientação se confirma, pois João faz do sinal da multiplicação dos pães como

²⁷ MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 216-218.

²⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, Evangelho de João, p. 1858.

²⁹ MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 218-219.

³⁰ MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 219-221.

³¹ CASALEGNO, A., A Minha Carne para a Vida do Mundo, p. 242-243.

o banquete oferecido pelo Messias, aludindo à Páscoa (Jo 6,4). Esse evento encerra um conteúdo temático ligado ao Pão da vida, que se oferecerá como alimento do novo povo, chamado a superar a busca de sinais e a redescobrir a verdadeira fé. A orientação cristológica e a eucarística antecipa o fundamento do duplo sentido do Pão da vida presente no discurso de Cafarnaum. Desta forma o texto de Jo 6,26-48 destaca o sentido cristológico: Jesus dado como Pão significa sua revelação do Pai que ninguém tinha visto (Jo 6,46). Já o sentido eucarístico (Jo 6,51-58) enfatiza o seu ato central no dom de sua vida – carne e sangue – oferecida na cruz e situam a realidade do rito eucarístico celebrado pela comunidade joanina.³²

Mas também, o início de Jo 6 apresenta a celebração eucarística com pano de fundo nos sinais e discursos, onde se mostra o agir solene e sacerdotal de Jesus: ergueu os olhos (Jo 6,5), tomou os pães (Jo 6,11), deu graças (Jo 6,11), distribuiu-os (Jo 6,11). Em paralelo com o texto de Lc 22,19, pode-se perceber sua dimensão eucarística: “E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles [...]”. E embora o Evangelho joanino não narre a Instituição da Eucaristia, a comunidade joanina é um grandioso testemunho da Eucaristia na Igreja primitiva.³³

Este novo maná, não mais mostrando as costas de Deus pela lei, mas se manifesta plenamente: “O verdadeiro pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá a vida ao mundo” (Jo 6,33). Desse modo, a lei se torna uma pessoa, e no encontro com ela, alimenta-se do próprio Deus vivo: não é fruto de mérito humano, mas é dom e obra de Deus. Para tanto, primeiramente Deus torna-se pão na encarnação do *Logos*, onde a Palavra toma a carne, acessível ao nível humano. O segundo ocorre quando Jesus declara: “a minha carne é vida para o mundo” (Jo 6,51). Assim, a encarnação não é um fim em si mesma, mas se orienta para sua consumação definitiva: a oblação de Jesus na morte pelo mistério da cruz, perpetuada na Eucaristia. Ele sai de si mesmo e seu sangue é dado para beber (Jo 6,53).³⁴

Ainda Ratzinger, aprofunda a reflexão da encarnação da Palavra no prólogo, a qual visa precisamente a oblação do corpo na cruz, presente no sacramento. Destarte, Jesus torna-se homem para oferecer-se a si mesmo, substituindo os antigos sacrifícios de animais. Logo, no ensinamento de Jesus sobre o Pão da vida, vê-se que os significativos eventos da encarnação e da Páscoa convergem em direção ao sacramento da Eucaristia: ambos representam a descida de Deus para nós e por nossa causa. Deus oferece realmente o maná, que a humanidade aguarda, no Pão do céu. Portanto, teologia da encarnação e teologia da cruz sobrepõem-se de modo inseparável.³⁵ Pode-se então, ver esse pão como um dos símbolos mais profundos por evocar o dom da redenção em sentido geral, com direta referência à Eucaristia e a participação na vida divina associada a ela, em ligação com a morte de cruz.³⁶

Outra passagem do IV Evangelho, que permite uma compreensão mais profunda do discurso sobre o pão é: “Se o grão de trigo não for lançado à terra e não morrer, permanece só, mas se morrer, produz muito fruto” (Jo 12,24). Afinal, no próprio símbolo do pão, está contido o mistério da Paixão, unindo, em Cristo, morte e ressurreição, tornando-se portador da presença real. O mesmo pode-se aplicar ao vinho, que traz em si a paixão, pois é somente da uva esmagada que se faz o vinho.³⁷ Realidade que se confirma inclusive na expressão da arte cristã, onde se

³² MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 214-222.

³³ MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 213-214.

³⁴ RATZINGER, J., Jesus de Nazareth, p. 293-295.

³⁵ RATZINGER, J., Jesus de Nazareth, p. 295.

³⁶ LURKER, M., Dicionário de figuras e símbolos bíblicos, p.172-173.

³⁷ RATZINGER, J., Jesus de Nazareth, p. 296-297.

cristalizou o pão como símbolo eucarístico: “Via-se também uma relação simbólica entre o moer, o amassar e o assar o pão terreno e o sofrimento e a morte terrenos do homem; em correspondência, o pão eucarístico tornou-se sinal do corpo eterno glorificado.”³⁸

O capítulo 6 do IV Evangelho se encerra com reações de incredulidade dos judeus e de muitos discípulos: “Essa palavra é dura! Quem pode escutá-la? (Jo 6,60). Logo, sem uma passagem para o nível espiritual é impossível acolher a revelação do Pão da vida, visto que a compreensão de Jesus é obra do Espírito de Deus.”³⁹

3.3. Os Padres da Igreja e a superioridade do Pão do céu

Charbell⁴⁰ observa, que a interpretação bíblico-teológica mais comum é de que o maná seja um alimento inteiramente espiritual. No entanto, há também uma interpretação racionalista, que o explica como um fenômeno totalmente natural: a exsudação da árvore *Tamaris Mannifera*, ainda existente. Essa árvore, quando picada por insetos, exsuda uma seiva leitosa, que cai em forma de ervilha branca com sabor de mel, a qual deve ser colhida de manhã, pois ao sol endurece. De fato, há analogia entre o maná natural sinaítico e o bíblico, por darem-se no mesmo lugar e hora, mesmo aspecto e sabor. Porém as diferenças são mais notáveis, em se tratando da durabilidade, frequência e nutrição muito superiores do segundo em relação ao primeiro. No entanto, Flávio Josefo e Santo Ambrósio chegaram a uma terceira sentença, que faz do maná bíblico um milagre quanto ao seu modo de ser. Pois este foi sujeito em sua essência a uma especial intervenção divina que o multiplicou e lhe deu caracteres especiais.

Porém, tratando do novo maná, Santo Agostinho faz a distinção entre o antigo sinal do maná bíblico, que aponta ao verdadeiro Pão do céu, realçando a superioridade do sacramento da Eucaristia. Pois este dura para a vida eterna, enquanto aquele perecia, somando ainda que os que se fartaram com o maná morreram, já aquele que “comer deste pão viverá eternamente” (Jo 6,51)⁴¹. E, também Santo Ambrósio, faz uma distinção fundamental entre ambos pela origem e natureza: se o primeiro maná vinha do céu, aquele de Cristo vem de acima do céu, ou seja, tem uma procedência mais elevada, diretamente do Pai. Além disso, o maná do deserto estava sujeito à corrupção, caso guardado por mais de um dia, enquanto o Pão de Cristo é incorruptível, porque aquele que o saboreia não experimentará a corrupção, mas recebe a vida eterna. Da mesma forma, enquanto para os judeus a água da rocha corria para matar a sede momentânea, para os cristãos o sangue de Cristo flui como fonte para a vida de todos e para sempre: se aquele era figura, o pão que é Cristo é a realidade.⁴²

Finalizando essa compreensão da novidade do Pão da vida na simbólica bíblica, vê-se que a expressão não é presente na tradição hebraica do maná. Portanto, alguns autores ligam o texto com a árvore da vida do Paraíso Terrestre (Gn 2,9), o símbolo da imortalidade. As afirmações joaninas “para que não pereça quem dele comer” (v.50) e “Quem comer deste pão viverá para sempre” (v.51), dialogam com a passagem do Gênesis que menciona a árvore da vida, mas em sentido inverso. Em Gn 3,22, após a queda, Deus impede o acesso do homem à árvore

³⁸ MOHR, G. H., Dicionário dos Símbolos, p. 272-273.

³⁹ MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 222.

⁴⁰ CHARBELL, A., Introdução geral e especial aos livros do Antigo e Novo Testamento, p. 333.

⁴¹ CORBELLINI, V., A visão da Eucaristia no período pós-niceno, p. 15.

⁴² CORBELLINI, V., A visão da Eucaristia no período pós-niceno, p. 5-6.

da vida para que ele não viva eternamente em seu estado de pecado. Agora, em Cristo, a verdadeira árvore da vida se torna acessível, restaurando a comunhão perdida.⁴³

4. A finalidade do Pão da Vida dado pelo Filho do homem para o “último dia”

Conforme a Análise Retórica da perícopes aponta, o Pão do céu e da vida é dado concomitantemente pelo Pai e pelo “Filho do homem” com finalidade última na eternidade. Desde Jo 6,28 Jesus exorta-se a trabalhar “pelo alimento que permanece para a *vida eterna*” (ζωὴν αἰώνιον), enfatizando em Jo 6,33 no qual o “pão de Deus desce para a *vida do mundo*” (ζωὴν τῷ κόσμῳ). E encerra a moldura com Jo 6,40 onde a vontade expressa do Pai é revelada: “quem vê o Filho e nele crê tem a *vida eterna*, e eu o ressuscitarei no último dia” (ζωὴν αἰώνιον).

E embora a segunda expressão aponte à “vida do mundo” e não à “vida eterna”, usa a mesma palavra grega ζωή (*zoē*) em vez de βίος (*bíos*). Indicando que não se trata apenas de vida orgânica, mas de vida plena. Portanto, a vida em abundância é o tema central do ensino de João, pois Jesus veio concedê-la, já no tempo presente, garantida aos crentes durante sua existência terrena.⁴⁴ Uma vez que, a participação do Pão Eucarístico é o penhor e garantia da ressurreição e transfiguração final, pois quem dele se alimenta recebe o germe da imortalidade, que enquanto mantém e promove a vida natural – semente de ressurreição – faz crescer a vida da Graça no amor de Deus.⁴⁵

Sendo assim, recolheu-se da Análise Retórica a teleologia do excerto se orienta para a vida eterna e a ressurreição no “último dia”, como ações realizadas pelo Filho do Homem, em conformidade com a vontade do Pai. Essa perspectiva teológica reforça o papel central de Cristo na comunicação da vida divina, vinculada à fé e à participação no Pão da vida. Diante disso, faz-se necessário a investigação destes termos teológicos.

4.1. O Filho do Homem

A expressão “Filho do Homem” é, de fato, uma das enigmáticas referências que Jesus faz a si mesmo e pode ter múltiplos significados. Muitos estudiosos a interpretam como uma designação deduzida da natureza humana de Jesus, ao lado do título de “Filho de Deus”, a confissão de sua natureza divina. O termo também está ligado à visão messiânica e à expectativa de um “Filho do Homem” vindicativo e glorioso que desempenharia um papel importante na redenção e no julgamento (Dn 7,13-14; Ap 1,13-18). Notavelmente, “Filho do homem” aparece exclusivamente nos lábios de Jesus e opera como sujeito substituindo o “eu”, designando-o em dupla relação: a de sua filiação divina que sustenta seu poder no futuro da ressurreição e a de sua humanidade que explica seu não-poder na situação de profeta. Assim, esta expressão obscura lhe permitia evocar o caráter peculiar de seu “eu”, expressando sua originalidade no anúncio do reino, dando forma concreta e paradoxal à sua filiação.⁴⁶

Para o evangelista do IV Evangelho, o título de Filho do Homem parece implicar uma revelação reservada ao próprio Jesus, um mistério do qual somente ele tivesse conhecimento. É

⁴³ CASALEGNO, A., *A Minha Carne para a Vida do Mundo*, p. 244.

⁴⁴ PEREIRA, P. C., Departamento de Teologia, p. 2.

⁴⁵ GOEDERT, V., *Eucaristia*, p. 29.

⁴⁶ DUQUOC, C., *Dicionário Teológico*, p. 528-529.

relacionada ao livro de Daniel (Dn 7,13) e designa um personagem celeste, associado ao poder divino investido de realeza sobre o conjunto da humanidade. Mas, em Jo 3,14 é indicada a sua origem do alto e a necessidade de sua exaltação e glorificação na cruz para conhecer sua identidade: “é necessário que seja levantado o Filho do Homem”. E só então o Filho do Homem dará o alimento para a vida eterna, em sua carne e sangue.⁴⁷

Assim, exaltado e glorificado, o Filho do Homem é diretamente ligado ao julgamento do último dia, visto que nas profecias escatológicas da apocalíptica judaica, este exerce as funções de juiz supremo.⁴⁸ O que permite entender esta escolha do evangelista na perícopes, pois o Filho do Homem tem o poder de dar o verdadeiro Pão do céu: “O pão que Deus dá é a Palavra de Jesus, é ele mesmo, é a salvação universal pela sua entrega total no sacrifício do Calvário e pela Ressurreição. Jesus é o pão vivo que se dá a comer, é o dom que Ele faz de si pela morte para a vida do mundo (Jo 6,51)”.⁴⁹ Por fim, deve-se analisar a outra expressão teleológica ligada ao Pão da Vida: a “ressurreição no último dia”.

4.2. Ressurreição no último dia

Com base em Wright, observa-se que o Evangelho de João testemunha a centralidade da ideia de “ressurreição”, abordando temas a ela relacionados em vários pontos. Porém, constata-se que a nova vida dada pela fé será consumada somente na ressurreição, enquanto já exerce influência retrospectiva sobre o presente. O que é constatável no desenvolvimento da sequência deliberada dos “sinais” narrados por João, que começa com a transformação da água em vinho em Caná e culmina com a crucificação. Seguida da ressurreição, que ocorre “no primeiro dia da semana”, a qual pode ser interpretada como o começo da nova criação de Deus.⁵⁰

Nessa interpretação, na sexta-feira Jesus é apresentado diante de Pilatos com a declaração: “Eis o homem” (Jo 19,5), ecoando a criação da humanidade no sexto dia da criação. E ao finalizar a obra designada pelo Pai (Jo 17,4), Jesus termina com o grito de triunfo “Está consumado” (19,30), em grego “*tetelestai*”, correspondendo à conclusão da obra da criação, em Gn 2,1-2. Assim, como em Gênesis há um dia de descanso, o sétimo dia, sabático (Jo 19,21), onde Jesus, o novo Adão repousa no túmulo. Para na madrugada Madalena ir ao túmulo “no primeiro dia da semana”, ou seja, a ressurreição é o começo da nova criação enquanto o ministério público de Jesus é a conclusão da criação original.⁵¹

Há outros sinais linguísticos que carregam a insinuação da ressurreição como preparação para a Páscoa, que não passaram despercebidos pelo leitor cristão primitivo. Como o casamento em Caná, que ocorre “ao terceiro dia” e quando prediz a destruição e reconstrução do templo “destruí este Templo, e eu o levantarei (*egero auton*) em três dias”. Ambos fazem o Jesus joanino dizer que a sua ressurreição será o sinal último, que confere o sentido a tudo o que realizou, de modo que ela inaugurará um novo mundo, no qual a adoração do Templo será aberta de maneira nova a todos, sem exceção. Logo, ressurreição em João se faz presente e futura, sem marginalizar a ênfase escatológica final ou superestimar a escatologia realizada, pois é verdade para o

⁴⁷ MAIA, T. M. C., Cristo, Pão da Vida, p. 217.

⁴⁸ BÍBLIA TEB, Evangelho segundo João, p. 2006.

⁴⁹ SANTOS, J. A., O Pão na Bíblia, p. 46.

⁵⁰ WRIGHT, N.T., A Ressurreição do Filho de Deus, p. 611.

⁵¹ WRIGHT, N. T., A Ressurreição do Filho de Deus, p. 611-612.

evangelista (e para Paulo) que a vida eterna é futura, mas usufruída no presente, apontando para a ressurreição futura. Uma vez que os que crêem, receberão uma identidade nova e real, vida imortal divinamente concedida no presente, que será recorporificada na ressurreição final.⁵² Assim,

a ressurreição no último dia (Dn 12,1-3) embora situe-se desde o presente o essencial da ressurreição, que é a participação na vida, na comunhão do Deus vivo, João mantém a perspectiva de uma ressurreição plenamente realizada no último dia.⁵³

A vida eterna como finalidade da Vontade do Pai e fruto do Pão vivo é equivalente ao Reino de Deus pregado e descrito pelos sinóticos, enquanto realidade escatológica no Evangelho de João, da qual já goza a comunidade dos crentes. Sendo o Espírito Santo (Jo 6,63; 7,38), o fator vitalizante da vida eterna no cristão e ao mesmo tempo promessa ligada à Eucaristia, onde já se possui aqui e agora a vida eterna e se participa da ressurreição. Ou seja, esta escatologia cristológica joanina tem propensão clara para a páscoa sem negar a parusia (Jo 6,53-56).⁵⁴ Tais reflexões permitem contemplar o dom da Vontade do Pai manifestado pelo Filho doado como Pão, que permite ao ser humano receber o que de mais alto poderia ter de Deus, a fim de ser guardado para o último dia e ser ressuscitado por ele.

Conclusão

Diante do exposto, conclui-se, que a Análise Retórica Semítica permite um aprofundamento salutar ao texto canônico, evidenciando nuances que passariam despercebidas ao leitor ocidental. E a análise da perícopes de Jo 6,26-40 permitiu o encontro com o eixo: Filho do Homem - Maná - Pão do Céu/Vida - Vontade do Pai - Ressurreição - Último Dia. Permitindo a articulação da teologia joanina e sua profunda inserção veterotestamentária, de modo que ressaltam nela a teologia profética e a apocalíptica tanto no primeiro como no último termo, alinhados pela teologia da Aliança, presente em Moisés e no Maná para apontar à teologia da Encarnação e da Cruz, concentradas na teologia Eucarística: um resultado nem sequer imaginado no início deste trabalho.

A teologia eucarística foi enfatizada no Capítulo 6 inteiro do IV Evangelho. Decorrendo concentricamente desde os sinais prodigiosos que precederam o discurso revelador do Verbo Encarnado, bem como nas discussões que despertou tanto aos judeus como aos discípulos. Sendo que a própria multiplicação é imagem concreta da celebração eucarística, nas similaridades dos gestos e verbos empregados. Poder-se-ia ainda, aprofundar muitas outras compreensões dadas pela Análise Retórica, na similaridade e repetição dos verbos, mas fugiriam do objetivo proposto.

De fato, a novidade do Pão do céu dado pelo Pai e pelo Filho é indiscutível, servindo-se do sinal do Maná como dádiva gratuita e vinda do alto, para manifestar na “plenitude dos tempos” (Gl 4,4) o seu maior e mais belo desígnio de Amor e Misericórdia dado aos homens. E nada de maior poderia ser dado: Ele mesmo aniquilado sob as espécies do Pão e do Vinho.

⁵² WRIGHT, N. T., A Ressurreição do Filho de Deus, p. 612-617.

⁵³ BÍBLIA TEB, Evangelho segundo João, p. 2006.

⁵⁴ TOURÓN, E., Dicionário Teológico, p. 413-414.



Alimento necessário à fome de vida eterna, intrínseca e própria dos caminhantes que seguem pelo deserto do mundo a caminho da terra prometida e definitiva, onde esse mesmo Pão vivo há de conduzir.

Referências bibliográficas

- Bíblia da TEB. Notas integrais tradução ecumênica. 3º ed. São Paulo: Loyola, 2020.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- CASALEGNO, Alberto. A Minha Carne para a Vida do Mundo. **Perspectiva Teológica**, v. 32, n. 87, p. 241-257, mai./ago. 2000.
- CORBELLINI, Vital. A visão da Eucaristia no período pós-niceno. **Teocomunicação**, v. 36, n. 151, p. 003-024, mar. 2006.
- CHARBELL, Antônio. **Introdução geral e especial aos livros do Antigo e Novo Testamento**: livros didáticos e proféticos, Evangelhos e Atos dos Apóstolos. São Paulo: Editora das Américas, 1950.
- CLIFFORD, Richard. J. Êxodo. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2007. p. 144-145.
- BETTENCOURT, Estêvão. **Descobrimo o Antigo Testamento**. Escola Mater Ecclesiae. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.
- DUQUOC, Christian. O Filho. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo F. **Dicionário Teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1988. p. 528-529.
- GOEDERT, Valter M. Eucaristia: Pão para a Vida do Mundo. **Encontros Teológicos**. v.2, n.41, p. 5-33, 2005.
- GONZAGA Waldecir. *et al.* **Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Letra Capital, 2023.
- GONZAGA, Waldecir. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, v. 52, n. 3, set./dez.2020, p. 681-704. Disponível em: <<https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p681/2020>>. Acesso em: 15 out. 2023
- GONZAGA, Waldecir.; SILVA FILHO, J. R. Jesus, o Bom Pastor, aquele que dá a vida. Jo 10,1-18 e sua base veterotestamentária (Sl 23 e Ez 34). **Encontros Teológicos**, v. 38, n. 2, maio-ago. 2023, p. 491-522. Disponível em: <<https://doi.org/10.46525/ret.v38i2>>. Acesso em: 15 out. 2023
- MOHR, Gerd-Heinz. **Dicionário dos Símbolos**: imagens e sinais da arte cristã. São Paulo: Paulus, 1994. p. 272-274.
- JAUBERT, Annie. **Leitura do Evangelho segundo João**. Cadernos Bíblicos. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1993.



MAIA, Tania M. C. Cristo, Pão da Vida (Jo 6,1-71). **Kairós**, v.7, n.2, p. 209-224, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.ojs.catholicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/207/189>>. Acesso em: 20 out. 2023.

NESTLE-ALAND (eds.). **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PEREIRA, Pedro C. A Filiação Divina como cumprimento das Antigas Promessas e a Nova e Eterna Aliança de Deus com os homens. **Atualidade Teológica**, v. 22, n. 60, p. 697-698, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.35996>>. Acesso em: 20 out. 2023.

TOURÓN, Eliseo. Escatologia. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo F. **Dicionário Teológico: o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1988. p. 413-414.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**. Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2021.

SANTOS, Jair A. O Pão na Bíblia. **Repositório da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo, 2021.

TUÑI, Josep O.; ALEGRE, Xavier. **Escritos joaninos e cartas católicas: Introdução ao estudo da Bíblia**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999. v.8.

WRIGHT, Addison. G. Sabedoria. In: BROWN, Raymond.; FITZMYER, Joseph.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda / Paulus, 2007. p. 1025.

WRIGHT, Nicholas. T. **A ressurreição do filho de Deus**. São Paulo: Paulus, 2020

Radamés Guarienti Sippert

Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas de Mato Grosso
Cuiabá / MT – Brasil
E-mail: radames.sippert@catolicamt.com.br

Tiago Gonçalves Loch

Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas de Mato Grosso
Cuiabá / MT – Brasil
E-mail: tiago.loch@catolicamt.com.br

Recebido em: 04/12/2023

Aprovado em: 30/04/2025